

# | 569 | FOTO[GRAFIAS] DE UMA PAISAGEM:

## PORTO ALEGRE EM TRÊS TEMPOS

*Letícia Castilhos Coelho*

### **Resumo**

O presente trabalho aborda, entre as inúmeras vertentes possíveis, aproximações e reflexões sobre a paisagem relacionadas com sua dimensão cultural, considerando-a enquanto um fenômeno visível construído pelo olhar. A paisagem possibilita uma apreensão da cidade que integra diversos aspectos da relação sociedade-natureza, e, ao expressar diferentes momentos da ação de uma cultura sobre o espaço, é também uma acumulação de tempos. Nessa perspectiva, pretende-se compreender as dinâmicas de transformação da paisagem contemporânea, buscando desvelar suas múltiplas camadas temporais a partir de uma perspectiva histórica. Para realizar um percurso pelos tempos passados da cidade, adota-se a imagem fotográfica como fonte para a investigação. No encontro da paisagem e da fotografia, enquanto fenômenos e expressões que se oferecem a leituras espaço-temporais, sob a inspiração benjaminiana do princípio da montagem, articulam-se os fundamentos teórico-metodológicos que se desdobram na construção e na aplicação de um método para a interpretação da paisagem segundo suas características constituintes da forma, função e estrutura. Como estudo de caso, utiliza-se fotografias de “Porto Alegre vista do Guaíba” em diferentes períodos, considerados emblemáticos em relação às transformações urbanas. Ao acessar as fotografias enquanto vestígios deixados como uma experiência sensível do mundo, a paisagem se revela, permitindo a apreensão de seus significados.

**Palavras-chave:** paisagem, cidade, fotografia, leitura de imagens.

### **1. Introdução**

Entendendo a paisagem como um processo dinâmico, aberto e inacabado, pretende-se compreender sua (trans)formação a partir de uma perspectiva histórica. Assim, busca-se ver na cidade e nos vestígios de sua memória uma possibilidade de conhecimento e interpretação do presente que nos auxilie nas projeções para o futuro.

Com a intenção de desvelar o “agora” das múltiplas camadas espaço-temporais superpostas na paisagem, nas quais estão acomodadas de forma híbrida as diversas expressões relativas à interação sociedade-natureza, serão utilizadas imagens fotográficas de diferentes períodos históricos como fonte de registro dos olhares sobre a cultura, artefatos esses que adquirem o valor de testemunhos do passado e permitem que se aprofunde o conhecimento sobre a cidade. Partindo das inquietações e reflexões que a paisagem contemporânea oferece, empreende-se o retorno a um tempo transcorrido no qual se perseguem os rastros que conduzirão ao entendimento da cidade como fenômeno em constante transformação.

Frente ao desafio de decifrar a paisagem através da fotografia é preciso desenvolver um olhar especial que permita alcançar as diversas expressões do espaço e do

tempo. Se admitirmos que a dimensão espacial tem marcada sobre si a passagem do tempo, é possível ver no espaço transformado, destruído, desgastado, renovado pelo tempo, a cidade e sua memória. Como um palimpsesto, um enigma a ser interpretado, a paisagem se apresenta em imagens fotográficas como possibilidade de compreensão do tempo presente. Assim, a reflexão que pretende este trabalho surge da necessidade de melhor compreender a cidade em relação às dinâmicas constituintes de suas paisagens interpretando-as através dos vestígios espaço-temporais encontrados nas fotografias.

Para trabalhar a idéia de paisagem, no sentido de revelar os traços e vestígios que a cultura imprime no espaço ao longo do tempo, escolheu-se como objeto de estudo a paisagem de Porto Alegre vista do Guaíba em fotografias de diferentes períodos históricos. Escolha que se ancora em justificativas variadas e complementares.

Acredita-se que as vistas urbanas, linguagem muito representativa de expressão fotográfica surgida no final do século XIX e início do século XX, veiculam uma recorrência temática-visual e podem ter contribuído para a permanência ou o esquecimento de certas imagens da cidade. Ao observar como as vistas urbanas são frequentes ao longo do tempo pode-se ter uma pista sobre as razões da permanência do “perfil norte” de Porto Alegre na memória coletiva. Uma idéia de paisagem difundida em diferentes temporalidades.

A parcela escolhida corresponde à área de ocupação inicial da cidade, oferecendo, dessa forma, boas possibilidades para uma leitura que pretende abarcar diferentes períodos relativos às transformações urbanas, sendo esse um recorte que exemplifica importantes processos e dinâmicas da história de formação política, econômica e cultural de Porto Alegre. Enquanto uma imagem que permanece, essa vista pode ser interpretada como um indício da importância que a “borda” representa para os habitantes da cidade. A ocupação das margens do Guaíba – corpo d’água em torno do qual surge a ocupação da cidade de Porto Alegre – apresenta-se também como uma interface “cidade-água” que revela, através de fragmentos acumulados em camadas de espaço e de tempo, significativas expressões da relação sociedade-natureza, intrínseca à idéia de paisagem.

Largamente registrada, através de expressões das artes visuais, como a pintura, a gravura e a fotografia, assim como, em relatos escritos de viajantes, cronistas e poetas, essa paisagem comporta elementos naturais e culturais de forte ligação com o imaginário sobre Porto Alegre tornando-se simbólica em termos de identidade e memória coletiva. Portanto, tratar das relações simbólicas entre a população e o Guaíba, expressas nas imagens fotográficas, pode ser um ponto de partida para que a gestão e a valorização de paisagens passem a integrar políticas de planejamento urbano e de preservação do patrimônio cultural.

Pretende-se que essa reflexão sobre as dinâmicas de ocupação e urbanização das margens do Guaíba ilumine a compreensão sobre a paisagem contemporânea no que se refere às rupturas e às permanências na constituição do espaço urbano enquanto uma construção cultural e simbólica. Ao pensar a paisagem como resultado da ação da cultura sobre a natureza, pode-se constatar que a passagem do tempo altera suas formas. Abrigando os espaços construídos em múltiplas combinações por superposição, substituição ou composição, a cidade, enquanto materialidade, é constituída por várias camadas, mais ou menos aparentes. Assim como as formas se alteram pela ação do tempo sobre o espaço, as funções e a estrutura também se transformam, fazendo com que a paisagem esteja constantemente se refazendo.

A paisagem contemporânea é, então, concebida como uma paisagem híbrida, um palimpsesto, “uma paisagem de mil folhas” que exige a convivência de várias paisagens, ritmos, percepções, escalas e perspectivas (LUCHIARI, 2001, p.23). Ao contrário do que se difundiu com o projeto de modernidade, a natureza não está mais “fora” para ser dominada, a sociedade e a natureza agora devem ser vistas de forma integrada. O olhar sobre a paisagem permite essa integração e uma possibilidade de reconciliação entre sujeito e objeto. Reside nesse potencial um campo de revisitação das práticas exercidas e da idéia de paisagem propagada ao longo do tempo enquanto uma relação entre natureza e cultura.

## **2. Leituras da Paisagem | proposições metodológicas**

Como proposta para a descrição e interpretação da paisagem pretende-se articular elementos oferecidos pela História Cultural – quanto às proposições que utilizam as fontes iconográficas e às metodologias de leitura de imagem – à critérios utilizados pelo campo da Geografia referentes à caracterização e análise da paisagem.

Sob a inspiração benjaminiana do Princípio da Montagem, que proporciona um rico universo para a construção de versões da história a partir de seus fragmentos num constante trabalho de montagem e desmontagem, essas referências se entrecruzam em uma proposta para o estudo da paisagem através da fotografia sob uma perspectiva histórica. Assim, a leitura de imagens como forma de compreensão da paisagem, a ser realizada pelo pesquisador-intérprete, acontece através da observação, descrição, análise e interpretação das fotografias. Essa opção pode ser entendida como uma “maneira de ver” que busca articular e confrontar as múltiplas dualidades que caracterizam a essência da paisagem (BERINGUIER, 1991, p.05).

A estratégia a ser experimentada pretende desenvolver reflexões a respeito de como a leitura de imagens pode servir de suporte para a compreensão de processos urbanos em uma trama construída a partir dos registros visuais, tendo no horizonte o desafio de lidar com as fontes para além das fronteiras usuais em que essas são utilizadas apenas como “complemento ou confirmação das informações fornecidas por outros documentos escritos” ou, para “ilustrar épocas e acontecimentos” em abordagens muitas vezes consideradas ingênuas (POSSAMAI, 2005, p.31).

Normalmente, os trabalhos que utilizam as fontes visuais, se debruçam sobre uma dupla linha de investigação, que compreende as relações entre o artefato e o registro visual, contemplando: a busca por informações sobre o processo que gerou a fotografia – elementos constitutivos e coordenadas de situação – ou seja, a história do documento; e, a determinação dos elementos que compõem o registro visual enquanto fragmento do passado – o conteúdo representado (KOSSOY, 2007, p.76-77). O presente estudo está voltado para a análise do conteúdo da fotografia, ou seja, a paisagem construída visualmente. De maneira que, as demais informações – aspectos formais, ou processo de constituição do artefato – serão consideradas de modo sintetizado, oferecendo apenas uma contextualização geral do documento.

Considerando o estudo de caso – Porto Alegre vista do Guaíba – pretende-se, na aplicação do método: localizar os momentos cruciais quanto às transformações da paisagem; identificar e analisar os fatores que informam sobre a dinâmica da paisagem (forma, função e estrutura); e, a partir desse percurso no tempo, retornar a paisagem contemporânea ressaltando as expressões dos diferentes momentos históricos, seus valores e potenciais. A Figura 01 ilustra e sintetiza as etapas nas quais se desenvolve a aplicação do método em relação ao objeto empírico.

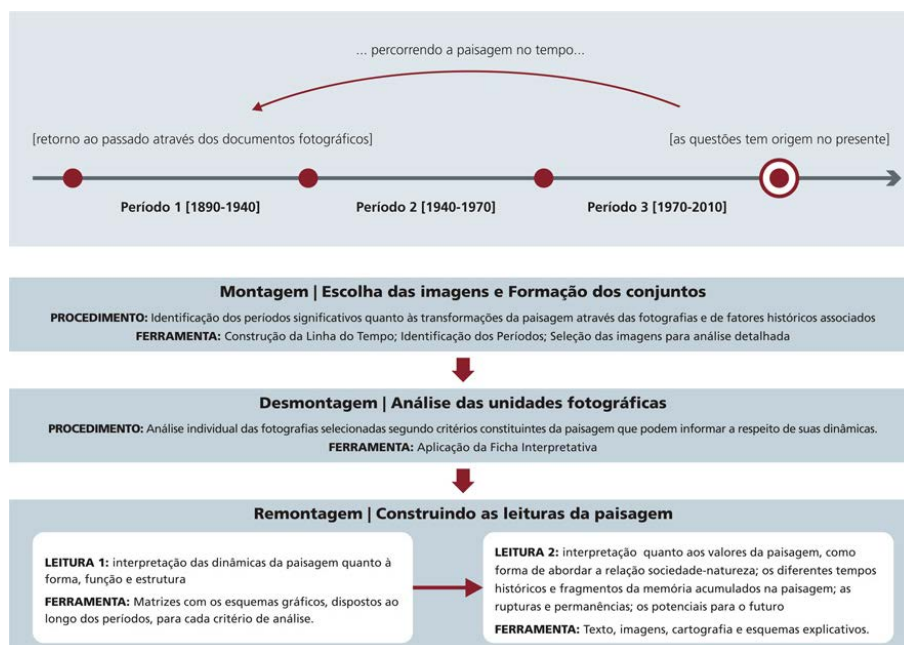


Figura 01 – Desenho-síntese da aplicação do método, etapas e procedimentos utilizados.  
 Fonte: elaborado pela autora.

### 3. Delimitações espaço-temporais

São utilizadas, como objeto de análise, fotografias de Porto Alegre a partir do Guaíba em diferentes momentos históricos. Optou-se por analisar as vistas correspondentes à encosta norte da área central da cidade, sob o prisma de um olhar para a paisagem.

A decisão de trabalhar a paisagem através da fotografia, surge de inquietações frente ao momento presente e do anseio por compreender as dinâmicas de formação e transformação dessa paisagem. Para empreender tal busca, faz-se necessário realizar um “retorno” aos tempos passados através dos vestígios e fragmentos que estejam à disposição e que possam elucidar os processos e acontecimentos que influenciaram e estabeleceram a constituição da paisagem atual.

Nessa perspectiva, elegem-se as fotografias como o meio de acessar o passado e realizar esse percurso no tempo. Acredita-se que ao manusear tais “estilhaços”, como sugere Walter Benjamin, versões da história se desvelam ao olhar segundo a lente dos problemas que norteiam as montagens e desmontagens aqui pretendidas.

Quanto à periodização adotada, utiliza-se como principal referência para o percurso temporal e suas correspondentes divisões, a periodização proposta por Souza e Müller (2007). O estudo propõe um método para análise do processo de desenvolvimento urbano, social, econômico, político e locacional, evidenciando, portanto,

[...] as diretrizes da evolução urbana, vistas não como uma determinação, mas como um processo, com seus momentos de

progresso e estagnação. A metodologia trata objetivamente da análise do inter-relacionamento dos fatores populacionais, econômicos, socioculturais, político-institucionais e locais que atuaram sobre a cidade, sua região e demais regiões, em cada período da sua história (SOUZA; MÜLLER, 2007, p.09).

Considerando o caso de Porto Alegre, conforme destaca Clichevsky (1984, p.45), faz-se necessário relacionar os processos de transformação nas relações entre a cidade e o Guaíba, aqui também entendidos como as dinâmicas da paisagem, enquanto reflexos de modificações sócio-culturais, econômicas e político-administrativas que estão além dos limites da cidade, visto que a produção do espaço em Porto Alegre, assim como a ocupação e consumo do mesmo, condicionam-se as modificações ocorridas no amplo contexto da sociedade brasileira e, particularmente, do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, tanto a periodização proposta por Müller e Souza (2007), quanto a que é trabalhada por Clichevsky (1984), articulam os períodos relativos às transformações de Porto Alegre aos fatores da conjuntura histórica regional e nacional.

A partir das referências acima, organiza-se a periodização para o presente estudo. Os antecedentes foram incorporados para contextualização da parcela analisada quanto às origens da ocupação e à formação do núcleo urbano.

A análise do objeto (a partir do *corpus* fotográfico levantado) inicia no Período 1 [1890-1940], momento em que se intensifica o processo de urbanização. Porto Alegre, nessa época, apresenta um rápido crescimento econômico, consolidando um mercado consumidor que possibilita o início de sua fase industrial. Outro fato que justifica porquê a análise inicia nesse momento foi o surgimento da fotografia e sua chegada em terras brasileiras ter ocorrido no final do século XIX. Quanto a divisão dos Períodos 2 e 3, embora, nos trabalhos usados como referência, o intervalo de 1940 até a atualidade seja considerado um único período, optou-se por dividi-lo em dois, pois foram observadas diferenças acentuadas, constatadas na manipulação das fotografias e no acesso aos fatos históricos que agem sobre as transformações da cidade.

Cabe ressaltar que a divisão em períodos tem o propósito de ordenar cronologicamente o *corpus* visual, visto que tal procedimento favorece e possibilita: a melhor visualização do universo das fotografias e suas respectivas épocas de produção; a identificação de processos que incidem sobre as dinâmicas urbanas e os respectivos momentos em que ocorrem; mas, principalmente, a possibilidade de apreender os momentos-chave de transformações marcantes na paisagem (Figura 02).

Evidentemente, a periodização serve como ferramenta de análise e não como uma divisão estanque e rígida do tempo, pois, como alerta Bachelard (1988) ao pensar em uma dialética da duração, a idéia da continuidade e da sucessão temporal acontecem “no bojo da descontinuidade, onde o tempo revela-se hesitação”, sendo que, “o esquema da análise temporal de uma ação complexa é necessariamente um descontínuo”.

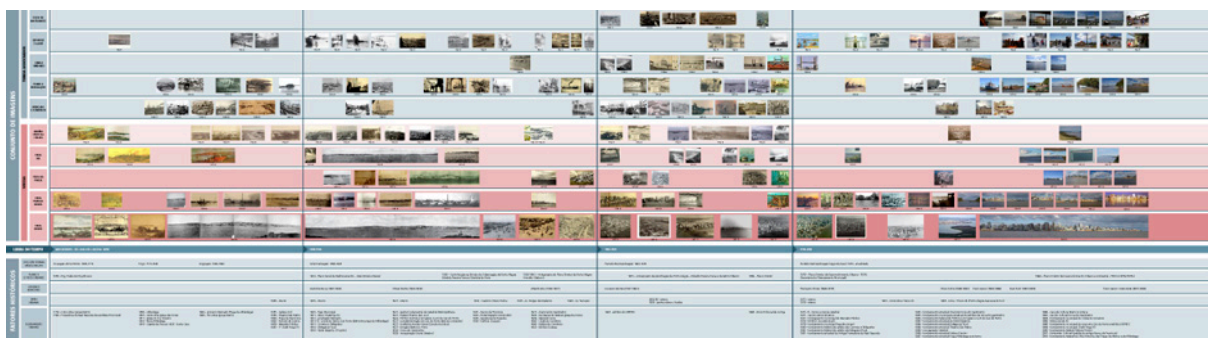


Figura 02 – *Corpus* visual organizado em uma Linha do Tempo.  
Fonte: elaborado pela autora.

#### 4. “Arrancando” os fragmentos do passado | seleção das fotografias

O “retorno ao passado” realizado a partir do quadro “Linha do Tempo”, no qual se associam conjuntos de imagens e fatores históricos segundo uma cronologia, evidencia a visualização dos períodos marcantes quanto às transformações urbanas em Porto Alegre, manifestas em sua paisagem. A constatação dos momentos de grandes mudanças deu-se tanto em termos visuais através da observação das fotografias, pela “densidade” de material fotográfico encontrado em cada época, quanto no acesso às referências bibliográficas, que confirmam e subsidiam as decisões para a seleção de fotografias significativas em cada período. Assim, a seleção das fotografias a serem analisadas individualmente segundo os critérios de forma, função e estrutura, parte da verificação de que Porto Alegre vivenciou intensas transformações em seu espaço urbano, em seus hábitos coletivos, em seu cotidiano e em sua fisionomia nos três intervalos da periodização. Prioriza-se uma abrangência espacial ampla e panorâmica da vista escolhida, o perfil norte de Porto Alegre. Pretende-se também que sejam imagens representativas de linguagens fotográficas e do trabalho de fotógrafos atuantes em cada período (Figura 03).



Figura 03 – Unidades de análise, fotografias do três períodos estudados.  
Fonte: Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e fotografia da autora.

## 5. Radiografias da paisagem | leitura foto[gráfica] da forma, função e estrutura

As radiografias pretendem articular as operações de montagem e desmontagem sob a luz de que o conhecimento da história resulta desse contínuo trabalho de construção e destruição, no caso desta pesquisa enquanto busca por compreender as transformações e as dinâmicas da paisagem. Nesta etapa, pretende-se decompor as imagens como estratégia analítica. A opção é compreender a paisagem enquanto resultado de diversas transformações espaço-temporais, priorizando na análise o aspecto da dinâmica da paisagem e sua história como via primordial de entendimento.

As paisagens são produtos históricos, que fixam o processo que as formaram, pois acumulam heranças, demonstrando sua historicidade. A história da paisagem é, pois, um método e um de seus valores, possibilitando a distinção de cronologias muito distintas segundo seus componentes. Contém em sua essência a característica da transformação através de suas modificações morfológicas, funcionais e estruturais, assim, adquire especial importância o estudo de suas dinâmicas.

A proposta para a decomposição da paisagem foi formulada como maneira de evidenciar os atributos que a constituem em termos de forma, função e estrutura. Para empreender a leitura dos descritores da paisagem a partir da fotografia, escolheu-se utilizar o desenho como ferramenta para a análise, evidenciando os critérios a partir da construção de esquemas gráficos gerados sobre a fotografia, com a intenção de desmontar as camadas constituintes da paisagem (Figura 04).



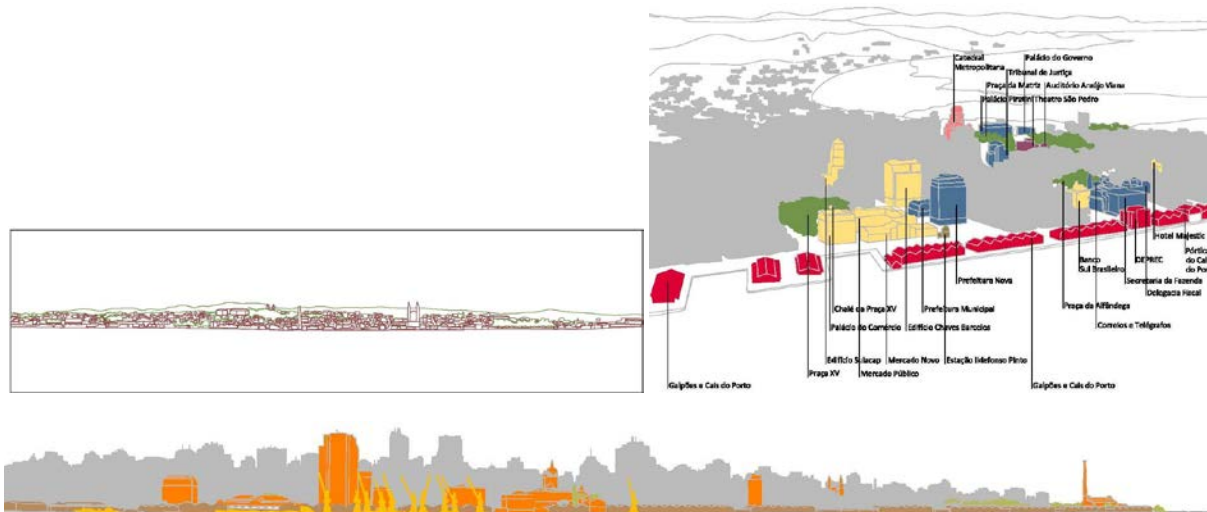


Figura 04 – Exemplos dos esquemas gráficos gerados a partir das fotografias como forma de estratificar a paisagem segundo os critérios de análise: forma, função e estrutura.

Fonte: elaborado pela autora.

## 6. Remontagens | leituras e interpretações da paisagem

No momento da interpretação, volta-se o olhar para a situação presente, para a paisagem contemporânea; sem perder de vista o entendimento construído sobre os processos históricos e as dinâmicas espaço-temporais da paisagem. Espera-se, nessa remontagem, apontar quais os traços impressos no território que contribuíram para a definição do caráter da paisagem de Porto Alegre. Nesse agrupamento das informações sob a luz do “agora”, a síntese é orientada para aquilo que confere maior significação à paisagem, ressaltando seus princípios de organização e permitindo que se reconheçam as particularidades, os traços dominantes, as permanências e rupturas, e os valores na paisagem contemporânea.

### 6.1. Os traços temporais acumulados na paisagem contemporânea

A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade (Rossi, 1995, p.68).

Buscando compreender as dinâmicas que deram origem a paisagem contemporânea, segundo o recorte aqui trabalhado: Porto Alegre vista do Guaíba, um dos enfoques diz respeito à identificação de traços representativos dos períodos analisados, expressos nas diferentes camadas que se acumulam constituindo a paisagem do presente como uma superposição de tempos.

Cabe referir que, a idéia utilizada de “traços”, segundo Beringuier (1991), remete aos vestígios relativos ao tempo, podendo ser atuais ou antigos. Ao tomar a paisagem como um palimpsesto, os traços remetem ao relevo da história, com suas múltiplas expressões

acomodadas através das dinâmicas espaciais ao longo do tempo. Segundo os legados herdados e transformados, a paisagem se decompõe em camadas superpostas. Pode-se, então, descobrir na paisagem as tramas sucessivas de sua construção, assim como, a utilização contemporânea de seus traços.

As superposições oferecem, sobretudo, pontos de referência que permitem ligar o presente ao passado através de determinados elementos que desempenham o papel de estruturadores da paisagem. Consta-se que determinados elementos estruturadores configuram agrupamentos ou núcleos que se organizam em torno de espaços abertos, no caso, as Praças XV de Novembro, da Alfândega e da Matriz. Além desses, tem-se a estrutura linear do Cais do Porto e o marco da Ponta do Gasômetro, também identificados como estruturadores da paisagem. Tais agrupamentos constituem-se pela superposição de camadas temporais que funcionam como fragmentos, ou traços, dos períodos históricos acumulados nessa paisagem.

## **6.2. Permanências e rupturas nas transformações da paisagem**

Ao observar e refletir sobre os agrupamentos estruturadores e sua constituição histórica, observa-se que a passagem do tempo grava muitos traços que auxiliam no entendimento das permanências e rupturas ocasionadas pelas dinâmicas urbanas.

A paisagem contemporânea apresenta, assim, características que evidenciam algumas lógicas de transformação urbana, ocorridas ao longo dos períodos estudados. Os três intervalos temporais identificados como representativos das maiores transformações na paisagem apresentam momentos de intensas modificações políticas, sociais, econômicas e urbanas, que alteraram definitivamente as características constituintes da paisagem, gerando experiências de rupturas numa tensão indissociável em relação às permanências.

A ruptura indica uma descontinuidade, uma mudança súbita de orientação no curso previsível dos acontecimentos; um corte com relação a um conjunto de valores e expectativas estabelecidos em uma época, acompanhado de um salto em direção a uma nova conjuntura; [...] um pano de fundo das permanências; i.e., sobre o eixo temporal da continuidade dos processos, que se pode identificar e assinalar as rupturas (DUARTE, 2006, p.27).

As décadas de 1920, 1940 e 1970 caracterizam momentos em que as políticas de estado – marcadas por governos autoritários e de corte com a ordem institucional anterior –, para instituir a estabilidade social e a legitimidade política, investiam em grandes reformas urbanas, buscando projetar a cidade segundo as necessidades e aspirações das elites

dirigentes. Constituem-se como fases de complexificação da sociedade que se manifestam nas intervenções que transformaram consideravelmente a paisagem de Porto Alegre.

A partir dessa tensão entre permanência e ruptura nos processos de transformação da paisagem, que remete às montagens por contraste de inspiração benjaminiana nas quais se confrontam imagens dialéticas como forma de provocar o “despertar” para o momento presente, o centro de Porto Alegre oferece um bom exemplo dos enfrentamentos na construção de novas imagens de cidade. Percebe-se a constante substituição do tecido urbano, num primeiro momento com a intenção de eliminar as feições coloniais e implementar as benfeitorias inspiradas nos princípios da modernização como o embelezamento, a circulação e a higiene; depois, sob a orientação do desejo de progresso assiste-se à verticalização e densificação da área central; tendência que se intensifica gerando cada vez mais a fragmentação e a homogeneização da paisagem.

A destruição da cidade é veiculada como uma condição para o crescimento e o desenvolvimento, enfatizando a necessidade da ruptura entre passado e presente. Nesse sentido Lima e Carvalho (1997, p.115) argumentam que “a noção de progresso consolida-se a partir da valorização dispensada às modificações na morfologia e fisiologia da cidade. Em vista da necessidade de ampliação da área central, os últimos vestígios da cidade [antiga] desaparecem justificadamente”.

No decorrer das alterações empreendidas em nome do desenvolvimento, do progresso tecnológico e social, a base do que antes constitua a identidade urbana altera-se ou desaparece, e os elementos remanescentes daquele passado provinciano passam a ser associados a valores pejorativos que precisam ser descartados. Nesse processo de transformação a paisagem se refaz e se modifica constantemente, passando a incorporar o aspecto da diversidade temporal em superposição como uma de suas características identitárias. Os fragmentos que remetem aos primeiros tempos da formação da cidade são preservados pontualmente e transformam-se em “exemplares de exceção”. O antigo é selecionado e incorpora-se ao novo tecido urbano como uma “citação do passado” (LIMA; CARVALHO, 1997, p.158).

O centro de Porto Alegre, assim como de outras cidades brasileiras, passa pelo processo em que os espaços outrora destinados à vivência e à sociabilidade cotidiana caem em desuso ou manifestam certa atmosfera de decadência, e, para que se justifiquem enquanto permanências devem ser “reciclados” ou “requalificados”, inserindo-se na esfera do consumo. O processo de mercantilização do espaço seguramente extrapola esse tipo de manifestação, mas, influi sobre a paisagem.

A instauração do espaço abstrato, fragmentado e homogêneo seria o reflexo dessa substituição do valor de uso pelo valor de troca instituído também nas relações com a cidade. Segundo essa perspectiva que configura a “sociedade do consumo” (LEFEBVRE, 1991), em que a publicidade torna-se uma ideologia, corre-se o risco que também a paisagem transforme-se em metáfora da mercadoria.

Conforme Arantes (2000, p.30), o “fazer cidade”, a partir dos anos de 1990, com o discurso das revitalizações urbanas – que se apropria das idéias de valorização da cultura e do patrimônio arquitetônico como forma de operar, especialmente nos centros históricos – assiste-se a inúmeras transformações de espaços tradicionais em uma “mesma paisagem por toda a parte”, de acordo com as lógicas mercadológicas em que o “cultural” passa a ser o produto, e a cidade, ou a paisagem, um “espetáculo”.

A principal contradição, que se apresenta como risco, está justamente na possibilidade de que os espaços representativos da história e da cultura local transformem-se em cenários de um lugar qualquer, uma paisagem-mercadoria.

### **6.3. Os valores da paisagem e a interface cidade-água como potencial de futuro**

O desafio do presente encontra-se em vislumbrar alternativas possíveis, em valorizar os aspectos singulares que constituem a paisagem e que podem servir de fio-condutor para orientar os processos de planejamento e gestão das mesmas, baseados nos potenciais existentes e particulares, nem sempre visíveis, mas passíveis de serem desvelados. Não se pretende aqui oferecer nenhuma fórmula mágica, mas destacar aqueles fragmentos que “saltam” como possibilidade do “despertar” no agora.

Com essa intenção, diversos trabalhos sobre a paisagem apontam a identificação dos valores como procedimento a ser adotado com vistas a conduzir futuros processos de planejamento e gestão a partir de conteúdos culturais autênticos e, sobretudo, que possam servir de contraponto às lógicas massificadoras do mercado.

Conforme a concepção utilizada por Pison (2006, p.140), os “valores da paisagem” podem ser entendidos como “os conteúdos culturais que a qualificam e habitam suas formas, podendo se manifestar de maneira visível ou invisível”. Pode-se pensar o “conteúdo cultural” da paisagem como um conjunto de elementos simbólicos e, portanto, com diversos valores incorporados, não apenas de caráter econômico.

A leitura dos valores na paisagem contemporânea pode, então, ser organizada segundo os aspectos: Estéticos; Ecológicos; Produtivos; Históricos; Usos Sociais; Religiosos; Simbólicos e Identitários. Ao refletir sobre a paisagem contemporânea de Porto Alegre,

destacam-se como valores que “saltam” da massa opaca e homogênea, especialmente aqueles relacionados à interface cidade-água, como importante potencialidade a ser trabalhada com vistas ao futuro. Tal relação se constitui como expressão extremamente significativa no olhar para Porto Alegre a partir do Guaíba.

## **7. Considerações Finais**

Ao longo dos períodos estudados, as transformações empreendidas obedecem a uma série de lógicas de produção do espaço que instauram “imagens de desejo” com a função de antecipar no imaginário coletivo aquilo que se busca e para onde apontam as tendências. Benjamin, ao desenvolver a idéia de “imagem do desejo” aponta para a ambivalência do conceito, que ora inclina-se para a fantasmagoria idealizadora, ora para a utopia social emancipatória, e enfatiza o segundo aspecto:

No sonho em que, diante dos olhos de cada época, aparece em imagens aquela que a seguirá, esta última aparece intimamente ligada a elementos da proto-história, ou seja, a elementos da sociedade sem classes. Tais experiências, depositadas no inconsciente da coletividade, interpenetram-se com o novo, gerando a utopia que deixou seu rastro em mil configurações da vida, desde as construções duradouras até as modas fugazes (BENJAMIN, 1994, p.65).

Nesse sentido, a paisagem contemporânea ao se constituir como reflexo das dinâmicas urbanas ocorridas apresenta a oportunidade para que reflexões sejam tecidas a respeito de como se orientará o futuro. Ao se caracterizar como expressão cultural, histórica, social e política, seu estágio presente aponta para possibilidades distintas e paradoxais. Pode-se pensar no presente como um momento de transição, “entre” rupturas e permanências; o que foi e o que virá. Acredita-se, como sugere Rossi (1995), que “(...) com o tempo a cidade cresce sobre si mesma, adquirindo consciência e memória de si própria”.

Assim, chegar ao presente, após as incursões através do universo fotográfico, com o objetivo de refletir sobre o complexo fenômeno urbano da contemporaneidade, confirma a importância sobre o conhecimento histórico como alicerce essencial para a compreensão dos processos que agiram, e agem, na constituição do momento atual. Escavar, no emaranhado poliforme e heterogêneo da paisagem contemporânea, os fragmentos que simbolizam os valores culturais e históricos da paisagem requer um olhar atento, passível de ser adquirido num percurso pelos meandros temporais. Dessa maneira, os potenciais latentes e autênticos se apresentam como alternativa a ser considerada para o futuro da paisagem.

## **Referências Bibliográficas**

- Arantes, O., Vainer, C. & Maricato, E. 2000. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, Petrópolis, Vozes.
- Bachelard, G. 1988. *A dialética da duração*, São Paulo, Editora Ática.
- Benjamin, W. 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios literatura e história da cultura* (Obras Escolhidas, v.1), São Paulo, Brasiliense.
- Benjamin, W. 2006. *Passagens*, Belo Horizonte, Editora da UFMG (Organização da edição brasileira de Willi Bolle).
- Beringuier, C. 1991. Manieres paysageres une methode d'étude, des pratiques. *Geodoc, documents de recherche de l'UFR – Université de Toulouse-Le Mirail*, n.35.
- Bolle, W. 1994. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*, São Paulo, Edusp.
- Clichevsky, N. *Análise locacional: interpretação espacial das relações P. Alegre – Rio Guaíba*, In: Castello, L. 1984. *Interrelações Ambientais: Porto Alegre e o Rio Guaíba – Relatórios da equipe elaboradora do estudo piloto*, Porto Alegre, MAB-UNESCO/PROPUR-UFRGS.
- Duarte, C. F. *A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço*, In: Machado, D. B. P. (org) 2006. *Sobre urbanismo*, Rio de Janeiro, Viana & Mosley/ Ed. PROURB, v. 1, p. 27-36.
- Kossoy, B. 2007. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*, Cotia, Ateliê Editorial.
- Lefebvre, H. 1991. *O direito à cidade*, São Paulo, Editora Moraes (Tradução de Rubens Eduardo Frias).
- Lima, S. F., Carvalho, V. C. 1997. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo – álbuns de São Paulo (1887-1954)*, São Paulo, Mercado de Letra.
- Luchiari, M. T. D. P. *A (re)significação da paisagem no período contemporâneo*, In: Corrêa, R. L., Rosendahl, Z. (orgs) 2001. *Paisagem, imaginário e espaço*, Rio de Janeiro, EdUERJ.
- Menegat, R. (coord) 1998. *Atlas ambiental de Porto Alegre*, Porto Alegre, Ed UFRGS.
- Pesavento, S. J. 2005. *História & História Cultural*, Belo Horizonte, Autêntica.
- Pisón, E. M. *Los componentes geográficos del paisaje*, In: Maderuelo, J. (org) 2006. *Paisaje y pensamiento*, Madrid, Abada editores.

Possamai, Z. R. 2005. *Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Tese (Doutorado em História).

Rossi, A. 1995. *A arquitetura da cidade*, São Paulo, Martins Fontes.

Souza, C. F., Müller, D. M. 2007. *Porto Alegre e sua evolução urbana*, Porto Alegre, Editora da UFRGS.